

O pano sobe, revelando um dia cinzento em Nova Iorque. Pode até haver uma sugestão de nevoeiro. O cenário sugere um lugar isolado junto ao paredão do rio Hudson onde nos podemos debruçar sobre o murete, observar os barcos e ver a linha costeira de New Jersey. Talvez na zona que vai das ruas Setenta a Oitenta Oeste.

Jim Swain, um escritor, algures entre os quarenta e os cinquenta, está à espera de alguém, nervoso. Olha para o relógio, caminha de um lado para o outro, marca um número no telemóvel, sem obter resposta. Percebe-se claramente que tem um encontro marcado no local.

Esfrega as mãos, verifica se está a choviscar e talvez levante um pouco a gola do casaco, sentindo alguma humidade.

Neste momento, entra um sem-abrigo robusto, de barba por fazer, um habitante das ruas, aproximadamente da idade de Jim. Vagueia por ali de olho em Jim. Chama-se Fred.

Fred vai-se aproximando de Jim, que se tornou cada vez mais consciente da presença do indivíduo e que, embora não tendo propriamente medo, tem noção de estar numa zona deserta com um tipo corpulento e de aspecto desagradável. Acrescente-se que Jim gostaria que o seu encontro com a pessoa de quem está à espera decorresse sem testemunhas. Por fim, Fred mete conversa com ele.

FRED — Dia chuvoso. (*Jim acena com a cabeça, concordando mas sem desejos de estimular a conversa*) Chovisca. (*Jim acena com um sorriso vago*) Ou melhor, neblisca: porque cai neblina e chuvisco.

JIM — Hum.

FRED (*fazendo uma pausa*) — Veja a força da corrente! Se você atirasse o boné ao rio, ele chegava ao mar em vinte minutos.

JIM (*relutante mas bem-educado*) — Hã-hã...

FRED (*fazendo uma pausa*) — O rio Hudson tem quinhentos quilômetros de comprimento, desde a nascente nas montanhas Adirondack até desaguar no vasto oceano Atlântico.

JIM — Interessante.

FRED — Não, não é. Já pensou no que aconteceria se o rio corresse no sentido contrário?

JIM — De facto, não.

FRED — O caos. O mundo dessincronizava-se. Você atirava o boné para o rio e ele ia parar a Poughkeepsie em vez de ir para o mar.

JIM — Sim... bem...

FRED — Conhece Poughkeepsie?

JIM — O quê?

FRED — Conhece Poughkeepsie?

JIM — Eu?

FRED (*olha em redor, estão sozinhos*) — Quem mais havia de ser?

JIM — Porque é que me pergunta isso?

FRED — É só uma pergunta.

JIM — Se conheço Poughkeepsie?

FRED — Conhece?

JIM (*pensa na pergunta e decide responder*) — Não, não conheço. Satisfeito?

FRED — Então se não conhece porque está com esse ar culpado?

JIM — Ouça, estou um bocado preocupado.

FRED — Não vem aqui muitas vezes, pois não?

JIM — Porquê?

FRED — Interessante.

JIM — Que é que quer? Cravar-me? Tome, tome lá um dólar.

FRED — Hei, só perguntei se vinha cá muitas vezes.

JIM (*começando a ficar impaciente*) — Não. Estou à espera de uma pessoa. Tenho muito em que pensar.

FRED — Escolheu um belo dia.

JIM — Não sabia que ia estar assim tão mau.

FRED — Não vê o tempo na televisão? Jesus, parece que só sabem falar da porcaria do tempo. Interessa-nos assim tanto saber, em Riverside Drive, que no vale dos Apalaches vai estar muito vento? Pelo amor de Deus, santa paciência.

JIM — Bom, foi um prazer conversar consigo.

FRED — Olhe, mal se vê New Jersey. Está cá um nevoeiro.

JIM — Ótimo. Sorte a nossa...

FRED — Pois. Eu também não gosto muito de Jersey.

JIM — Por acaso estava a brincar... Estava a ser —

FRED — Trocista?... Irreverente?

JIM — Ligeiramente sarcástico.

FRED — Compreende-se.

JIM — Ai sim?

FRED — Sabendo o que eu penso sobre Montclair¹.

JIM — Como é que eu havia de saber o que você pensa sobre Montclair?

FRED — Nem me vou dar ao trabalho de responder a isso.

JIM — Hmm... pois... bem... Se não se importa, gostava de ficar sozinho. (*Olha para o relógio.*)

FRED — A que horas combinou com ela?

JIM — De que é que está a falar? Deixe-me em paz, por favor.

FRED — Estamos num país livre. Posso ficar aqui a olhar para New Jersey, se me apetecer.

JIM — Muito bem. Mas não fale comigo.

FRED — Então, não responda.

JIM (*pega no telemóvel*) — Ouça lá, quer que chame a polícia?

FRED — E diz-lhes o quê?

JIM — Que me está a incomodar, que me está a pedir dinheiro de forma agressiva.

FRED — Imagine que eu pegava nesse telemóvel e o atirava ao rio. Em vinte minutos estava no Atlântico. Claro que, se o rio corresse para o outro lado, ia parar a Poughkeepsie. Ou seria a Tarrytown?

JIM (*algo receoso e zangado*) — Conheço Tarrytown, para o caso de me ir perguntar isso a seguir.

FRED — Onde é que ficou alojado?

JIM — Pocantico Hills. Já lá vivi. Parece-lhe bem?

FRED — Agora chamam-lhe O Cavaleiro Sem Cabeça. Soa melhor aos turistas.

JIM — Hum-hum.

FRED — Rentabilizam aquela porcaria do Ichabod Crane² e do Rip Van Winkle³. A embalagem é tudo.

JIM — Ouça, eu estava absorto nos meus pensamentos —

FRED — Ei, estamos a falar de literatura. Você é um escritor.

JIM — Como é que sabe?

FRED — Como é que sei? Você faz cada pergunta...

JIM — Vai dizer-me que adivinhou por causa da roupa?

FRED — Que roupa?

JIM — É do casaco de *tweed* e das calças de bombazina, não é?

FRED — Jean-Paul Sartre disse que depois dos trinta cada homem é responsável pela sua cara.

JIM — Foi o Camus quem disse isso.

FRED — Foi o Sartre.

JIM — Camus. Sartre disse que um homem adquire os traços da sua profissão: com o tempo, um empregado de mesa acabará por caminhar como um empregado de mesa, um bancário terá gestos de bancário — porque querem tornar-se coisas.

FRED — Mas você não é uma coisa.

JIM — Tento não ser.

FRED — Porque ser uma coisa é seguro, as coisas não morrem.

Como n' *O Muro*⁴: os homens que vão ser executados querem transformar-se no muro em frente do qual foram postos, fundir-se com a pedra, para se tornarem sólidos, permanentes, para perdurarem. Por outras palavras: para viverem, para se manterem vivos.

JIM (*observa-o, depois*) — Gostava muito de discutir isso consigo noutra altura.

FRED — Ótimo, quando?

JIM — De momento estou algo ocupado...

FRED — Bem, quando? Se quiser almoçar, tenho a semana toda por minha conta.

JIM — Não sei bem quando.

FRED — Escrevi uma coisa divertida inspirada no Irving.

JIM — Que Irving?

FRED — Washington Irving, lembra-se? Estávamos a falar do Ichabod Crane.

JIM — Não percebi que tivéssemos voltado a esse assunto.

FRED — O cavaleiro sem cabeça é condenado a cavalgar pelos campos, com a cabeça debaixo do braço. Ele era um soldado alemão morto na guerra.

JIM — Era natural de Hesse.

FRED — Então, entra numa farmácia e a cabeça diz, estou com uma tremenda dor de cabeça, e o farmacêutico diz, pegue, tome estes dois Excedrin Extra Forte, o corpo paga e ajuda a cabeça a tomá-los. Depois, mais tarde nessa noite, os dois atravessam a cavalo uma ponte e a cabeça diz, sinto-me muito melhor, a dor de cabeça passou, sinto-me um homem novo. E depois o corpo começa a ficar triste e pensa em como é azarado, porque se tiver uma dor de costas não conseguirá alívio, por não estar ligado à cabeça —

JIM — Como é que o corpo pode pensar seja o que for?

FRED — Ninguém vai perguntar isso.

JIM — Porque não? É uma pergunta óbvia.

FRED — Por isso mesmo. Por isso é que você é bom na construção e nos diálogos, mas falta-lhe inspiração. Por isso é que precisa de mim. Apesar de aquilo que você fez ter sido bastante indecente.

JIM — O que fiz eu? Está a falar de quê?

FRED — Estou a falar de dinheiro, de alguma espécie de pagamento e de reconhecimento público.

JIM — Olhe, estou à espera de uma pessoa.

FRED — Eu sei, eu sei, ela está atrasada.

JIM — Não, não sabe, e meta-se na sua vida.

FRED — Está bem, está à espera de uma tipa e quer ficar sozinho? Então arrumemos de uma vez por todas a questão dos dinheiros e eu vou-me embora.

JIM — Que dinheiros?